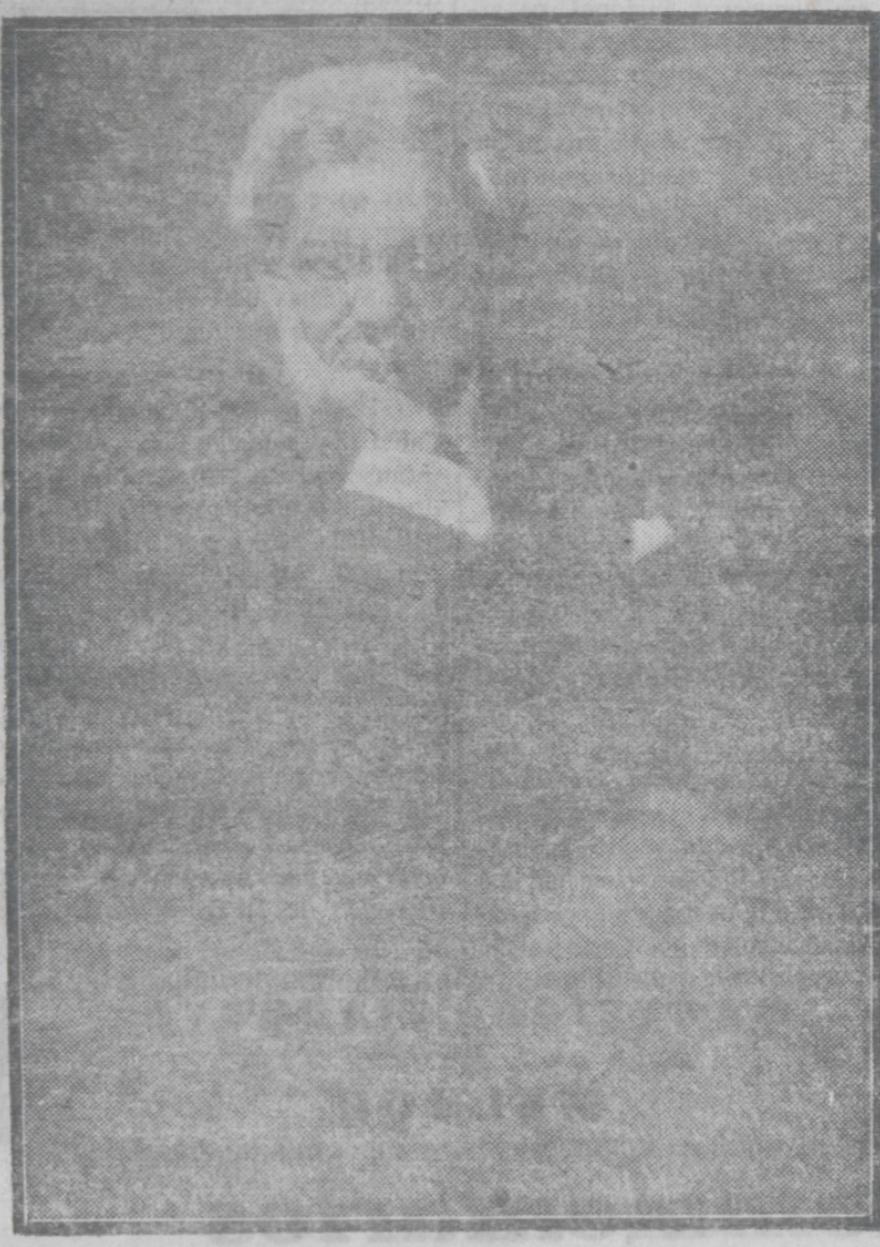


# Arthur de Cerqueira Mendes

Falleceu Arthur de Cerqueira Mendes. Uma surpresa dolorosa do destino. Ainda ante-hontem elle aqui estivera, na redacção do "Diario da Noite", o nosso bom e querido Victor Val. Veio de manhã, pelas dez horas. Muito affavel com todos, como sempre. Victor Val era a personificação de uma affabilidade crystalina que a todo momento se revelava. Foi á mesa de um, á mesa de outro, cumprimentando cordialmente, fazendo uma pergun-

cadaver quando chegaram os respectivos medicos e enfermeiros. O dr. Arthur de Cerqueira Mendes desaparece aos 54 annos de idade. Nasceu nesta capital aos 25 de setembro de 1874. Era filho do dr. João de Cerqueira Mendes e de d. Thereza Augusta de Cerqueira Mendes, já fallecida. Deixa viuva d. Alice Jordão Mendes, e uma filha adoptiva, d. Eglantina Camargo.



ta gentil. Trazia o seu "Manto de Arlequim", que seria o seu ultimo "Manto de Arlequim". Depois, ainda voltou, por duas vezes, á tarde. Quem o visse, não imaginaria que hoje elle estaria morto, como desgraçadamente está. Não ha consolo para a perda que acabamos de sofrer. Esta casa, que era a sua, deplora de coração dilacerado o bom companheiro, que era amigo excellent de cada um dos que aqui trabalhavam.

Revê-se, hoje, a figura extincta de Arthur de Cerqueira Mendes, e a sua individualidade como que se identifica com a propria Bondade. Velho, nos cincoenta e quatro annos que lhe branqueavam inteiramente a cabeça, elle era quasi uma criança, de candura. Os seus olhos só tinham agudeza para ver a feição delicada das accções humanas. O mal não era com elle. Não estava, nunca, na sua alçada. Na sua alçada estava, exclusivamente, o bem. Dir-se-ia que não era com os olhos, propriamente, mas com a pureza angelical da alma, que elle divisava as coisas que via e os homens com que tratava. Enlevava-se com facilidade e era profundamente sincero quando, nos artigos, prodigalizava a generosidade e carinho. Os leitores do nosso "Manto de Arlequim", que eram, sem duvida, os leitores deste jornal, sabem como Arthur de Cerqueira Mendes tinha o dom de encantar. E pôde-se affirmar que o segredo do seu triumpho não estava só na maestria do seu talento de escriptor, mas tambem na sua espontaneidade, escrevendo sempre o que verdadeiramente sentia.

Alguem lhe observou, certa vez, a facilidade com que elle descobria os seus lindos themas. Victor Val retorquiu, explicando:

— Existem em S. Paulo pelo menos dez mil pessoas boas, não é verdade? Pois eu procuro os meus assumptos entre ellas...

E' que elle sabia cultivar amigos como se cultivam flores. E por isso mesmo conseguiu ser querido de todos aquelles que o conheceram.

O dr. Arthur de Cerqueira Mendes falleceu repentinamente, em consequencia de uma syncope cardiaca, na madrugada de hontem, ás 2,15 horas. Na noite de sabbado, sentindo-se incommodado, recolhera-se ao leito ás 22 horas, contrariamente ao que costumava fazer, pois que as suas leituras lhe tomavam habitualmente o tempo até á meia-noite. A's duas horas, aggravaram-se os seus incommodos. O dr. Arthur de Cerqueira Mendes reclamava immediatos soccorros. Foi, então, chamada a Assistencia, mas nada foi possivel fazer. Era elle já

Era irmão de d. Lavinia Mendes de Oliva, casada com o dr. João de Oliva, juiz de Direito em São Joaquim, e cunhado de d. Idalina Jordão Ribeiro, viuva do dr. Amador de Araujo Ribeiro; do sr. Edmundo Jordão; do sr. Alberto Jordão, casado com d. Alice Alves Jordão; d. Leonor Jordão, viuva do sr. Alfredo Jordão; d. Gertrudes de Araujo Jordão, viuva do sr. Silverio Jordão e d. Irinea Jordão, viuva do sr. Francisco Jordão.

Hontem mesmo, ás 16 horas, realizou-se o sahimento funebre da residencia da familia enlutada, á rua Conselheiro Brotero, 144, para o cemiterio da Consolação. Os funeraes tiveram extraordinario acompanhamento, notando-se avultado numero de coróas.

A' beira do tumulo, o dr. Cyro Costa disse, repassadas de commoção, as seguintes palavras:

"Arthur: — Deixa-me, querido amigo e companheiro de todas as horas, deixa-me, meu bom irmão, depôr, sobre o teu tumulo, a saudade de todos quantos viveram, como tu, pelo espirito e pelo coração, e o adeus, o ultimo, doloroso adeus, daquelles que, crucificados na grande dor da Vida, souberam, em silencio, prelibar o travo doce da lagrima...

Foste um bom. Eras intelligencia e coração. A tua alma viveu dispersa em outras almas... O teu nome não cahirá no olvido, porque todo o labor paciente, convertido em Bondade, ao calor das affeições mais intimas, no recesso mysterioso dos nossos corações, é flor do Espirito que embalsama as almas... Não perderá nunca o seu perfume.

Acompanha — e de que modo o fizeste! — através da vida, os meus affectos, as minhas desesperanças e illusões. Eu sempre me senti ungado do teu estremecimento e da tua ternura, meu bom amigo. A tua bocca só se abria — ó grande coração! — para bendizer as coisas do mundo, com a exaltação de todos os sentidos, e para beijar, com carinho e doçura, o sangue palpitante de todas as chagas...

Pobre Arthur! Pobre amigo! Vaes entrar, agora, no Silencio, na energia creadora e maternal da terra moça e bella, sob cujo ceu nascemos, soffremos e que tanto amaste. Ella vae receber, agora, com o teu corpo frio, a uneção ardente de todos os que te quizeram e que são todos os que te conheceram...

Bemdicta seja toda a arvore que se alegra em dar sombra, indifferentemente, sem saber que protege! Que o bom Deus transforme o teu corpo exangue num rosal florido, e que derrame sobre elle, como bençãos o orgulho do ceu; é, como sombra piedosa, os sonhos de apor que espalhaste na Vida!... Pobre Arthur! Pobre amigo!"

Diario da Noite  
S. Paulo, 1: -X- 1928